



José Cardoso Pires

A GRANDE PARÓDIA

Falta pouco, e nessa altura, quando Lisboa 94 for a capital europeia da cultura, a Câmara Municipal, por elementar gratidão, vai com certeza erigir um monumento ao seu ex-presidente Krus Abecasis, no Pátio Alfacinha.

Será em pós-moderno pombalino com canteiros de cravos negros e terá recantos propícios à meditação, como aqueles com que ele ilustrou a Rua do Carmo e que depois foram destruídos por uma conspiração de bombeiros e de urbanistas invejosos. É bem verdade: um Haussmann lusitano nunca cabe numa cidade tão pequena como a nossa.

E se entre o humor dum Eça ou dum Evelyn Waugh e as piadas de onda curta dum honesto parodiante vai o abismo que separa o registo sem futuro da obra de eternidade, o renovador salta o fosso e vai em frente. O engenheiro Abecasis saltou.

Durante anos do tamanho de séculos, Lisboa foi governada por figuras misteriosas como o coronel Salvação Barreto, que passou de director da Censura para a presidência da Câmara (o que naquele tempo até ligava muito bem), ou como o general França Borges, que soletrava o município pelo Regulamento da Disciplina Militar. Mas esse carnaval já lá vai.

Com a democracia e um presidente eleito pelo povo, a Câmara de Lisboa passou a ter uma política, digamos, cultural e coube ao engenheiro Abecasis a honra de a iniciar. Com ele, a capital ia ficar irreconhecível, prometeu logo o novo autarca aos cidadãos embevecidos.

Iria, mas a Pátria ingrata não lhe deu tem-

po. Incompreensão? Atavismo mental? A sordida corrosão dos comunas? Mistério. Até um escritor da estatura internacional de Hans Magnus Ezensberger desdenhou da “Lisboa segundo Abecasis”, e em “Meditações Portuguesas” definiu-a como uma Houston, Texas, em delírio aldeão.

Não gostei. Culturalmente, não há nada mais provinciano que o cosmopolitismo mental, já se sabe, mas Ezensberger escusava de ter dito aquilo.

E no entanto houve iniciativas revolucionárias da presidência Abecasis que ficaram para a história da cidade. A de misturar Rafael Bordalo Pinheiro com Os Parodiantes de Lisboa foi uma delas; e talvez a mais corajosa, pela dificuldade de análise que um projecto cultural tão ambicioso não podia deixar de levantar.

É que, sensível à ironia do grande Mestre em relação à classe política e à burguesia lisboeta do Eça ou do Ramalho, o engenheiro Abecasis procurou provavelmente dar continuidade a essa tradição crítica; e para isso, depois duma criteriosa avaliação da miséria intelectual do país, decidiu consagrar o grupo radiofónico Os Parodiantes de Lisboa como sucessores condignos da herança de Bordalo. Pensou e fez. Despejou um andar do Museu Rafael Bordalo Pinheiro e instalou-os, porta com porta, com o Mestre.

É evidente que, com esta vizinhança, Bordalo só se sentiria honrado porque os Parodiantes da rádio há mais de quarenta anos faziam “graça com todos” os ingredientes da gargalhada banal e emriqueciam a cultura doméstica com “piadinhas e torradinhas” de apreciado sabor popular. Mas a “intelligenzia” cá da Pátria, fechada e aristocrática como sempre, não percebeu. Irisalva Moita, conservadora do Museu, deitou as mãos à cabeça e recorreu a todos os

poderes; José Augusto França publicou um protesto de sarcasmo; e houve espanto e indignação misturados com silêncios de desprezo.

Só que palavra de presidente não volta atrás, e muito menos se se trata de um renovador. Um renovador, convém lembrar, tem razões que a inteligência não alcança, e se entre o humor dum Eça ou dum Evelyn Waugh e as piadas de onda curta dum honesto parodiante vai o abismo que separa o registo sem futuro da obra de eternidade, o renovador salta o fosso e vai em frente.

O engenheiro saltou. Simplesmente, muitas vezes, as grandes ideias morrem por um pormenor de má sina e esta caiu por terra por causa dum parágrafo jurídico que desalojou os Parodiantes de Abecasis e restituiu a paz à casa de Rafael Bordalo Pinheiro.

Hoje, o digno museu de Bordalo tem a acompanhá-lo uma excelente galeria de exposições temporárias, que foi inaugurada com o conjunto da Obra Gráfica de João Abel Manta. Logo a seguir outro acontecimento de real significado: uma retrospectiva de Christiano Cruz, um notável e quase desconhecido artista (apesar de referenciado por José Augusto França na “Arte em Portugal no Século XX”) que, além de figura de relevo na geração de Almada — António Soares, Barradas, Leal da Câmara —, foi admirador declarado de Bordalo Pinheiro, em casa de quem é agora dado a conhecer.

Mas, nem de propósito: a poucos passos do Museu vai ser em breve construída a Fundação do Município de Lisboa, de que o engenheiro Abecasis é o homem de base e o grande impulsionador. Aí sim, aí talvez Os Parodiantes de Lisboa tenham o lugar ajustado ao prestígio cultural que o ex-presidente da Câmara lhes soube atribuir para modernizar a cidade e a inteligência de todos nós. ●